

Desvio e estigma no mundo do futebol: notas para o estudo do corpo e das performances atléticas

Fausto Amaro*
Débora Gauziski**

Resumo

De modo sucinto, o objetivo com este artigo é investigar, pelo viés do estigma e do desvio, alguns padrões corporais presentes na história do futebol brasileiro. Alguns exemplos ganham destaque ao longo de nossa investigação: os jogadores Garrincha e Walter e, principalmente, a equipe do Vasco da Gama, campeã estadual em 1923. Por meio da análise das fotografias dos jornais daquele ano, observamos as relações entre as imagens do corpo e o esporte, buscando evidências para o estudo dos desviantes. Ao final, propomos alguns desdobramentos para pesquisas que enfoquem as associações entre corpo (e sua representação imagética) e esporte.

Palavras-chave: *Mídia. Futebol. Estigma. Desvio.*

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj), com bolsa Faperj. Mestrado em Comunicação pela mesma instituição, desenvolvido com apoio da Capes. Membro do projeto “Meios de comunicação, idolatria, identidade e cultura popular”, coordenado pelo Prof. Ronaldo Helal. Pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (Leme/Uerj). E-mail: faustoarp@hotmail.com. Endereço eletrônico: <www.comunicacaoesporte.com>.

**Doutoranda em Comunicação pelo PPGCom/Uerj, com bolsa Faperj. Mestrado pela mesma instituição, desenvolvido com apoio da Capes. Membro do grupo de pesquisa “Regimes de visibilidade: a construção da visualidade da fotografia contemporânea”, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves. Especialista em Jornalismo Cultural pela Uerj. Email: deboragauziski@gmail.com.

Introdução

Partimos, neste artigo, da constatação de que uma história do futebol no Brasil pelo viés das imagens e manifestações corporais ainda carece de maior sistematização e, principalmente, de pesquisas aprofundadas¹. Precisamos de mais esforços em termos de pesquisa empírica (em jornais, material audiovisual, história oral) para avançar esse conhecimento. Enfocamos aqui a questão dos desviantes e estigmatizados no futebol como um meio de acesso a representações não hegemônicas das imagens do corpo nesse esporte.

Falar em desvio e estigma nos leva a pensar, inexoravelmente, nas identidades individual e social dos desportistas. As deformidades ou desajustamentos corporais são vistos pelos aficionados por futebol como impeditivos à sua prática com excelência. Esses preconceitos não encontram sempre amparo na realidade; o futebol continua a produzir grandes jogadores que não se enquadram em padrões normativos preestabelecidos: “O magrinho orelhudo, o baixinho de pernas tortas, o grandalhão desengonçado, o atarracado forte, o apolíneo e até o barrigudinho podem ser craques de futebol.” (SOARES; LOVISOLO, 2007, p. 128)

Buscamos aqui identificar jogadores que não correspondiam ao modelo de corpo ideal imperativo aos esportistas. Entendemos que eles atuam como desviantes, no sentido proposto por Becker (2008), ao padrão estabelecido pela dinâmica do futebol, pela opinião pública e pela mídia especializada. Em muitos casos, esses jogadores são estigmatizados (GOFFMAN, 1975) e têm suas atuações avaliadas de modo diferenciado por não se adequarem a esse ideal de corpo. Optamos por uma abordagem de cunho mais ensaístico, ensejando algumas reflexões importantes e propondo desdobramentos para pesquisas futuras.

Inicialmente, retomamos criticamente as teorias sobre o estigma e o desvio. Em seguida, tecemos aproximações com o universo do futebol. Ao longo do texto, os objetos de análise são primordialmente três – Garrincha, Walter (atleta do Goiás) e a equipe do Vasco da Gama de 1923 –, ainda que mencionemos outros casos relevantes.

Desvio e estigma: uma revisão dos conceitos básicos

Os gregos, criadores do termo “estigma”, o utilizavam para identificar as pessoas marcadas (metafórica e literalmente) por algum tipo de mácula social: “Um escravo, um criminoso ou traidor” (GOFFMAN, 1975, p. 11). Atualmente, o conceito permanece aplicável, mas não mais

1 Ao procurarmos por menções à palavra “corpo” no Grupo de Pesquisa (GP) de Comunicação e Esporte do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2013, descobrimos que, de 33 trabalhos nos *Anais*, 17 nem sequer mencionam a palavra corpo. Na história do GP de Comunicação e Esporte no Intercom apenas 6 artigos (aproximadamente 3% do total) abordaram o corpo como temática central.

se restringe a um marcador físico. Na verdade, como veremos, o estigma pode funcionar como uma dentre as identificações possíveis (HALL, 2001) de um indivíduo.

Goffman (1975) introduz a discussão sobre o estigma na sociologia, relacionando-o à problematização acerca do desvio, que também abordamos aqui por meio das contribuições de Elias e Scotson (2000) e Becker (2008)². Goffman (1975, p. 137) afirma que o conceito de desvio funciona como “uma ponte que liga o estudo do estigma ao resto do mundo social”. Esses três trabalhos, basilares para todo um campo de estudos que se desenvolveu na segunda metade do século XX, foram publicados quase simultaneamente. Suas primeiras edições datam de 1963, no caso de Goffman e de Becker, e 1965, no caso de Elias e Scotson. Gaspar (1983) pontua que, em pesquisas sobre a prostituição, os termos “desvio” e “estigma” são empregados praticamente como sinônimos pelas inegáveis aproximações que possuem. Neste trabalho, tentamos sinalizar as aproximações, mas também as especificidades de cada termo.

O estigma relaciona-se com o desvio, pois, em ambos, as normas sociais pressionam o indivíduo a agir em conformidade a elas ou não. Nesse sentido, Goffman (1975) postula que os estigmatizados sejam considerados “desviantes normais”. Isso se explica porque as designações de “normal” e “estigmatizado” são dadas diante das situações sociais, e não aplicadas como identidades fixas de um indivíduo. Obviamente, há uma variação de frequência no desempenho desses papéis – algumas pessoas exercem a maior parte do tempo o papel de normais, enquanto outras, de estigmatizados. Logo, não seriam categorias de sujeitos, mas perspectivas de enquadramento (GOFFMAN, 1975, p. 148-149). Ao mesmo tempo, cada indivíduo tende a realizar, invariavelmente, os dois movimentos: ser estigmatizado e estigmatizar o outro. E a identidade do estigmatizado é definida em diálogo e oposição àquela dos ditos normais.

Dois tipos de identidade social são articuladas pelo estigma: a virtual e a real. A primeira diz respeito aos preconceitos e atributos que imputamos a uma pessoa antes mesmo de conhecê-la, julgando-a simplesmente por alguns trejeitos. A identidade real, por sua vez, corresponde ao que a pessoa efetivamente é. Outro ponto relevante é que alguns atributos estigmatizadores podem sofrer variações conforme o contexto em que são aplicados. Goffman (1975, p. 13) cita o exemplo da educação universitária. Em alguns contextos profissionais, o discriminado é aquele que não a possui, por isso esconde esse detalhe de sua formação.

2 No Brasil, não podemos deixar de destacar o pioneirismo do livro *Desvio e divergência* (1985), organizado por Gilberto Velho, cuja primeira edição data de 1974.

Em outros empregos, menos prestigiados, possuir diploma universitário tornaria alguém um fracassado socialmente.

Becker (2008), por sua vez, parte da premissa de que a desobediência ou infração das regras dos grupos sociais é o aspecto central para o estabelecimento dos *outsiders*. Na conceituação de Becker (2008, p. 25), a percepção do desvio depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele: “Regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que a outras”. O sociólogo cita como exemplo a lei ser aplicada de formas e intensidades distintas de acordo com a raça (negros ou brancos) e classe social (moradores de bairros miseráveis e de áreas de classe média) dos infratores.

Ou seja, o desviante não é definido apenas pelo ato cometido e sua gravidade, mas, principalmente, pela eficácia com que determinado rótulo lhe é aplicado: “O comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal” (BECKER, 2008, p. 22). Dessa maneira, cometer uma infração não é o bastante para que alguém seja definido como um *outsider*, se assim não o for considerado por outrem. Além disso, algumas pessoas podem ser rotuladas como *outsiders* sem ter de fato infringido regra alguma. É o caso, por exemplo, da presença de jogadores negros em clubes de elite no início do século XX, que, para serem aceitos, supostamente teriam de maquiagem seus rostos com pó-de-arroz para aparentar ter pele branca³.

Para Becker (2008, p. 18), a concepção de desvio não pode ser pensada de maneira simplesmente estatística, pois, nesse caso, seria determinada como qualquer coisa que diferisse do comum, por exemplo: “ser canhoto ou ruivo é desviante, porque a maioria das pessoas é destra e morena”. Por isso, para o autor, as características físicas e sociais dos desviantes não são tão importantes quanto os processos de distinção e regulação dos grupos. Nesse sentido, Velho (1985, p. 17) propõe que a “ideia de desvio, de um modo ou de outro, implica a existência de um comportamento ‘médio’ ou ‘ideal’, que expressaria uma harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social”.

O inovador na abordagem interacionista de Becker é que ele busca entender os fenômenos desviantes considerando tanto o lado dos acusadores como o dos acusados, buscando informações sobre a situação de vida e personalidade dos últimos. Até então, o que era considerado nos estudos sociológicos eram primordialmente os dados advindos da versão oficial das autoridades. Ao desmistificar esses elementos e buscar novos respaldos teóricos, as análises interacionistas foram consideradas radicais pelas autoridades convencionais:

3 O caso do pó-de-arroz utilizado por Carlos Alberto, jogador do Fluminense, foi contado por Mário Filho (2003, p. 60).

A abordagem interacionista inicia essa dupla tarefa de elucidação e complicação pondo os sociólogos a par de que devem incluir um conjunto mais amplo de pessoas e eventos em seus estudos dos fenômenos desviantes, sensibilizando-os para a importância de um conjunto mais amplo de fatos. Estudamos todos os participantes desses dramas morais, tanto acusadores quando acusados, não oferecendo uma isenção convencional de nossas indagações profissionais a ninguém, por mais respeitáveis ou altamente situados que sejam. (VELHO, 1985, p. 206)

Já Elias e Scotson (2000)⁴ pensam essa contraposição entre estabelecidos e *outsiders* baseando-se no estudo de caso das relações entre novos e antigos moradores de Winston Parva, na Inglaterra. Nessa comunidade, os novos vizinhos eram estigmatizados como inferiores pelos antigos, que constituíam o grupo dominante. O curioso em relação a essa estigmatização dos novos moradores é que eles não tinham nenhuma característica perceptível que os diferenciasse claramente dos outros residentes: não diferiam quanto ao tipo de trabalho, renda, nível educacional, nacionalidade ou ascendência étnica. Isso nos remete à proposição de Velho (1985, p. 16) quando afirma que a ação social presente no ato de segregação e discriminação conjuga níveis de análise tanto culturais quanto biológicos e psicológicos.

O estigma, na perspectiva de Elias e Scotson (2000), pode, então, relacionar-se a fantasias coletivas inventadas pelo grupo estabelecido, que justificam e reiteram a aversão e preconceito de seus membros. Os autores definem os *outsiders* como não membros do *establishment* (ou da “boa sociedade”), que é construído mediante a combinação de tradição, autoridade e influência. Os *outsiders* são percebidos como “anômicos”, ou seja, como aqueles que não seguem as normas ou tabus grupais pre-determinados. O desvio das regras do grupo (ou a suspeita de) resulta na perda de poder e *status*.

A associação com membros fora do grupo estabelecido representaria, assim, uma ameaça à regulamentação interna dele. Dessa forma, “a sociodinâmica da relação entre grupos interligados na condição de estabelecidos e *outsiders* é determinada por sua forma de vinculação e não por qualquer característica que os grupos tenham, independentemente dela”. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 32)

Determinados grupos podem ascender ou entrar em declínio com o passar do tempo. Segundo Elias e Scotson, estabelecidos podem se tornar

4 Destacamos que o lugar de fala de Elias difere daquele de Becker e Goffman. O primeiro escreveu grande parte de sua obra na Inglaterra, onde se exilou fugindo do regime nazista. Os dois últimos, norte-americano e canadense, respectivamente, são tidos como representantes de uma linha sociológica conhecida como “interacionismo simbólico”, cuja origem remonta à Escola de Chicago. Todos os três, contudo, convergem no entendimento de uma influência, muitas vezes coercitiva, da sociedade sobre o indivíduo.

outsiders, mas *outsiders* também podem fazer parte do *establishment*, adquirindo um *status* social que antes lhes era negado. Logo, as tensões e conflitos entre os grupos representam lutas para modificar o equilíbrio do poder. Aqui ficam claras as aproximações dos autores com Becker e Goffman. Todos os quatro veem o processo de estigmatização e desvio em um quadro social dinâmico e fluido, não estático.

Desvio e estigma no mundo do futebol

Em uma tipologia conceitual, Goffman (1975) estabelece três tipos de estigma: abominações do corpo, culpas de caráter individual e tribais (raça, nação e religião). No futebol, feitas as necessárias ponderações, conseguimos encontrar exemplos para os três casos. Garrincha, por exemplo, foi um craque inesperado, isso porque a deficiência em ambas as pernas denotava, em uma primeira olhada, certa debilidade ou fraqueza (suas pernas eram tortas, sendo a esquerda seis centímetros menor que a direita). E, no caso dele, ao ir muito além das expectativas, compreendemos o espanto que os estigmatizados podem causar ao apresentarem excelência em certas atividades. (GOFFMAN, 1975, p. 24-25)

Ronaldo “Fenômeno”, por sua vez, carregou a culpa por seu sobrepeso em inúmeros momentos de sua carreira (daí o apelido pejorativo de “Fofômeno”), ao mesmo tempo em que teve seu envolvimento com travestis transformado em uma mancha adicionada à sua biografia. No quesito gordura corporal, o recente exemplo de Walter, atacante do Goiás, nas temporadas de 2012 e 2013, é emblemático. Apesar de suas grandes atuações pelo clube, a discussão na imprensa sobre sua *performance* sempre gira em torno de sua massa corporal. Nas três imagens abaixo, extraídas de capas do jornal *Meia Hora*⁵, percebe-se que é utilizado o termo depreciativo “gorducho” para se referir ao jogador. Também é interessante destacar que, na primeira imagem, Walter é associado à figura de Ronaldo “Fenômeno”, que também era conhecido por estar acima do peso. Isso vai de acordo com o apontamento feito por Becker de que os infratores de determinadas regras constituem uma “categoria homogênea porque cometeram o mesmo ato desviante” (BECKER, 2008, p. 21). Há, nesse exemplo, uma relação entre o discurso midiático e o enquadramento do porte físico do jogador enquanto desvio, o que corrobora a hipótese de Velho (1985, p. 11).

5 Não desconsideramos o fato de tratar-se de um jornal popular, mas a repetição da abordagem pejorativa é um dado relevante para esta pesquisa.



FIGURA 1 – Nas imagens acima, extraídas de capas recentes do jornal popular *Meia Hora*, o jogador Walter é associado à obesidade, sendo alcunhado de “gorducho” e “Zé Gotinha”⁶. Fonte: (GORDUCHO... 2013)

Por fim, a equipe do clube Vasco da Gama, campeã estadual de 1923, da qual falaremos mais à frente, pode ser enquadrada pelo estigma racial, uma vez que o time era formado por negros, operários e pobres em um momento histórico onde ser branco e rico eram condições precípuas para ser jogador. Válido lembrar que todos esses casos ocorreram na relação que, de acordo com Goffman (1975), ocorre nos contatos mistos, ou seja, entre estigmatizados e normais. Outra abordagem seria necessária caso, por exemplo, quiséssemos tratar da questão dos esportes voltados especificamente para deficientes físicos, cujo maior evento são os Jogos Paralímpicos.

Há, de fato, um aspecto atravessando todos os exemplos citados: o êxito foi obtido a despeito dos estigmas e a atenção pública se voltou, então, para os atributos favoráveis em cada atleta. Isso ocorre, em parte, porque a percepção dos estigmas varia conforme a situação social específica e a realidade do indivíduo estigmatizado. No mundo do futebol, a categoria desempenho tende a suplantar todas as demais, inclusive os atributos estigmatizadores. Daí, especialmente os craques, por já serem considerados indivíduos singulares, dificilmente sofrem a taxação de “não pessoas”, comum aos estigmatizados em outras esferas sociais. Garrincha, por exemplo, recebeu o epíteto de “anjo de pernas tortas” – uma expressão que contém ao mesmo tempo um elogio e um lembrete sobre a deformidade do jogador (desvio e/ou estigma positivo).

Os casos de desvio no futebol profissional talvez não sejam tão facilmente percebidos justamente pela aparente normalidade de um atleta em dissimular as pressões sociais exercidas sobre ele no que tange a: padrão corporal, atitudes na vida social e comportamentos dentro do campo de jogo. Isto é, as regras de conduta exemplar exercem coerção tão forte

⁶ Walter foi alvo de capa jocosa (ou pejorativa, dependendo da interpretação do observador) no *Meia Hora* dos dias 26, 29 e 30 de outubro de 2013. No dia 25 de outubro, o jornal *Extra* (online) publicou matéria de tom igualmente depreciativo. (Cf. DEPOIS..., 2013; GORDUCHO..., 2013; REFORÇO..., 2013)

sobre os sujeitos no mundo esportivo que se torna improvável e árduo ascender sem obedecer a elas. Muitos são aqueles que, por sua compleição física (altura, peso, debilidade física), são sumariamente excluídos nas “peneiras” das divisões de base dos clubes. A título ilustrativo, podemos mencionar Garrincha. Guerra (2012) alude à rixa cômica entre o “primo pobre” e o “primo rico” para abordar a oposição entre aquele e Pelé. Ora, considerando a questão física, ambos poderiam ser estigmatizados: Pelé, negro; Garrincha, *idem* (ou pardo). No entanto, algo em Garrincha destoava ainda mais do *status quo*. As pernas não eram “normais” e suas atitudes dentro e fora de campo, muito menos. Pelé em sua normalidade angaria maior prestígio midiático, ainda que fosse discutível sua popularidade. Citamos:

Pelé foi, assim, utilizado de diversas formas, para evidenciar o que seria o comportamento esperado de um ‘bom negro’ em contraposição ao que seria um negro indesejado em nossa sociedade, materializado e exemplificado no Garrincha. (VIEIRA, 2002, p. 9)

Válido salientar o preconceito sofrido por Garrincha no início de sua carreira: “segundo ele [Garrincha], quando ia tentar a sorte no Rio, perdia dia de trabalho, não o deixavam jogar e ainda o chamavam de aleijado – fato nunca confirmado” (MOSTARO, 2012, p. 34). As “pernas tortas” o acompanham em todas as descrições jornalísticas até hoje. Por outro lado, o hábito de beber era tolerado não apenas em Garrincha, mas em todos os jogadores de sua época, o que comprova como o desvio pode variar conforme o intervalo histórico-social.

A adoção de apelidos e epítetos no mundo do futebol, como em “Garrincha”, traz consigo novos atributos que são incorporados ao jogador nem sempre de maneira positiva. É algo que compõe, juntamente com marcas corporais, a identidade social de alguém, em diálogo com a identidade pessoal (definida legalmente pelo Estado). Nesse sentido, temos: Ronaldo, Fenômeno; Romário, Baixinho; Édson Arantes do Nascimento, Pelé; Manuel dos Santos, Garrincha; Gérson, Canhotinha de Ouro; Edmundo, Animal; e muitos outros. Esse uso de codinomes pode trazer estigmas ou romper com qualificações pejorativas anteriores, ocultando os estigmas prévios. Segundo Goffman (1975, p. 69), “sempre que uma ocupação traga em seu bojo uma mudança no nome, registrada ou não, pode-se ficar certo de que nela está implícita uma importante ruptura entre o indivíduo e seu velho mundo”.

Cabe uma menção aos vilões futebolísticos trabalhados por Costa (2009) em seu doutorado. Jogadores de futebol que tiveram alguma

participação falha em derrotas consideradas históricas de seus clubes ou seleções podem ser marcados indefinidamente pelo rótulo de perdedores. Esse atributo imputado a alguns atletas pode acompanhá-los por toda a carreira e, às vezes, até depois dela. Foi o caso do goleiro brasileiro Barbosa, considerado pela opinião pública o grande culpado pela derrota brasileira na final da Copa do Mundo de 1950. Sobre o estigma que o acompanhou por toda a vida, Barbosa comparou-o à pena máxima concedida aos criminosos no Brasil: 30 anos. Em suas próprias palavras, por mais de 40 anos ele foi perseguido e condenado por sua suposta falha. (MATTOS, 1994)

No próximo tópico, trabalharemos especificamente com o caso do Clube de Regatas Vasco da Gama, campeão carioca de 1923 e reconhecido pelo seu pioneirismo na ruptura a normas excludentes para a prática do futebol. Em 1923, o Vasco conquistou seu primeiro título de campeão carioca da divisão principal⁷, contando com jogadores negros, pobres e analfabetos em seu elenco; após a conquista, o Vasco foi expulso da nova liga criada pelos clubes da elite futebolística, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA).

A final do Carioca de 1923: o triunfo dos desviantes e estigmatizados

Como dito aqui, estigmas podem variar de acordo com as situações sociais e o tempo histórico. No futebol brasileiro, temos a entrada de negros, pobres e outros grupos marginalizados nos clubes. Isso se dá de modo peremptório na década de 1930 com a profissionalização dos jogadores. Assim, se em dado momento ser negro e pobre era visto como uma condição de excepcionalidade, propriamente um desvio, principalmente levando-se em conta que eram minoria nos clubes de futebol e jogavam com (e contra) os filhos da elite socioeconômica, posteriormente o estigma torna-se menos latente.

A forma de exclusão, além do estabelecimento de estigmas do corpo (negro e pobre), comportava barreiras econômicas, por meio “da cobrança de altas taxas de filiação aos clubes de elite” (LOVISOLO; SOARES, 2003, p. 4), e de entraves normativos (SOARES, 1998 *apud* LOVISOLO; SOARES, 2003, p. 5).

Movimentos contra-hegemônicos, como o do Vasco e de outros clubes, e as próprias demandas da sociedade desembocaram na extinção do amadorismo no futebol carioca em 1933:

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha

⁷ Um estudo do discurso jornalístico acerca da conquista vascaína, tendo como eixo fundamental de análise a questão do racismo, pode ser encontrado em Teixeira (2011). Outro trabalho, igualmente pertinente, aqui, é o de Vieira (2002) sobre o mito da democracia racial no futebol brasileiro.

competir em igualdade de condições com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto pra ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro (MÁRIO FILHO, 2003, p. 126 *apud* TEIXEIRA, 2010, p. 33).

As imagens encontradas em periódicos da época, destacadas mais abaixo, promovem uma reflexão sobre como as técnicas de produção fotográfica e seus modos de circulação influem na construção da memória imagética dos eventos esportivos. Em primeiro lugar, temos a questão da materialidade desses arquivos. A baixa qualidade das imagens, aliada à predominância das cores preta e branca da impressão (que ainda era a técnica mais utilizada pelos jornais da época), dificulta sua compreensão. Não sabemos ao certo se esse aspecto visual das fotos é resultado da baixa resolução da impressão da época, do desgaste do papel do jornal com o passar do tempo ou de ambos os fatores. Sem ter informações prévias sobre o contexto histórico de sua época de veiculação, nossa leitura dessas imagens ficaria incompleta. Acreditamos que esse seja um exemplo em que tanto a presença quanto o sentido, nos termos de Gumbrecht (2010), devem ser articulados para pensar nosso objeto.

Voltando à temática da estigmatização, privilegiada neste artigo, também não podemos distinguir ao certo se esses desportistas eram negros ou brancos. Essa distinção é presumida com base em um conhecimento anterior daquele que percebe a foto. Dito isso, utilizar apenas essas imagens, fora de seu contexto de origem, para estudar a questão dos jogadores desviantes não seria suficiente. Sem mais informações acerca delas, parece-nos que, não intencionalmente, elas acabam por camuflar a injustiça histórica e o preconceito contra certos grupos estigmatizados (negros e pobres).

A percepção que temos hoje dessas imagens, certamente, não é a mesma que em sua época de publicação. Não existe um sentido permanente para as fotografias, pois as imagens dão margem para múltiplas interpretações, que dependem tanto das referências do “espectador” quanto do valor que lhes é dado em determinado período. A memória, como nos aponta Halbwachs (1990), está em constante reconstrução. Sempre pensamos as imagens do passado baseando-nos no presente, já que não conseguimos deslocar nosso “olhar” das referências visuais e informações textuais previamente adquiridas.

Embora o valor histórico dessas fotografias como um registro material do evento tenha se perpetuado ao longo do tempo, o mesmo não se pode dizer dos seus “significados”, que dependem de uma contextualização.

Nessa reflexão, muito nos ajuda os apontamentos de Becker (2009, p. 199) sobre o fotojornalismo e o valor da imagem: “Em pouco tempo [as fotografias jornalísticas] não são mais notícia e têm valor ‘apenas histórico’. Seu valor de notícia depende do contexto, do caráter contemporâneo, ‘atual’, do evento”. Por outro lado, cabe ressaltar que hoje o valor de uma imagem não se enquadra em limites rígidos: uma foto jornalística pode fazer parte de uma exposição de arte, e vice-versa. Dependendo do lugar em que uma fotografia adquire visibilidade (imposta em um jornal, exposta em uma galeria de arte, estampada em roupas e objetos etc.), ela será percebida e valorada de maneiras diferentes.

Outra questão passível de ser pensada é a da pose dos jogadores, bastante distinta das fotografias atuais de escalação dos times. Alguns deles posavam deitados, outros de joelhos; alguns olham na direção do fotógrafo, outros, não. Aparentemente, não existia uma regra rígida de postura para o time diante da câmera. Dualidade curiosa: eles pareciam posar à vontade, mesmo havendo um discurso de discriminação dos jogadores negros com base em seus corpos. Hoje, entretanto, as imagens desse tipo obedecem a uma composição que já se tornou uma espécie de regra das fotografias de futebol: em geral, jogadores posicionados em duas fileiras paralelas, sendo que os da frente se agacham e os de trás ficam de pé. Geralmente, quando o time vence um campeonato, essa foto é estampada no jornal na forma de pôster. Essa mudança talvez se correlacione com as próprias transformações nas formas de prática do esporte, que necessariamente se processam ao longo da história. (BOURDIEU, 2004)

Abaixo, tentamos elencar algumas imagens que explicitem o que afirmamos. *Jornal do Brasil*, *O Paiz*, *Correio da Manhã* e *A noite* foram os periódicos cariocas utilizados. As fotos a seguir foram retiradas de matérias relacionadas a três importantes jogos do campeonato Carioca de 1923: 29 de abril (Vasco ganha do Flamengo no primeiro turno); 8 de julho (Vasco perde para o Flamengo no segundo turno); 12 de agosto (Vasco vence o São Cristóvão e é campeão antecipado)⁸. Além disso, efetuamos um levantamento mais amplo das fotos presentes nesses jornais durante toda a campanha do Vasco (14 jogos no total). Todas as imagens encontradas estão disponíveis para consulta em um arquivo *online*⁹.

8 Todas as imagens aqui inseridas foram capturadas do acervo digitalizado da Hemeroteca Digital Brasileira. (Cf. HEMEROTECA Digital. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2014).

9 PESQUISA de imagens: Vasco: campeonato carioca de 1923. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/sh/2a71qmgokid0pt9/SQgLFRmXuS>>. Acesso em: 14 jan. 2014.



A team do Vasco da Gama, campeão da serie A da 1ª Divisão



Team vascalno que derrotou por 3 x 1 o campeão do terra e mar

FIGURA 2 – Foto extraída do *Correio da Manhã*, p. 3, 9 jul. 1923.

FIGURA 3 – Foto extraída do *Jornal do Brasil*, Caderno de Esporte, 14 ago. 1923.

FIGURA 4 – Foto extraída do *O Paiz*, Caderno de Esporte, 1º maio 1923.



FIGURA 6 – Foto extraída do *Jornal do Brasil*, Caderno de Esporte 1º maio 1923.

A título de comparação, vejamos abaixo duas fotos com o time do Flamengo, representante da “elite branca” do campeonato (juntamente com Botafogo, Fluminense e América):



FIGURA 5 – Foto extraída de *A Noite*, Caderno de Esporte, 9 jul. 1923.

No caso acima, percebemos a interação entre os dois conceitos trabalhados no tópico anterior. Os negros e os pobres, estigmatizados por sua raça e/ou condição social, formavam uma comunidade desviante no futebol do início do século. Para ingressar no Vasco da Gama, por exemplo, era necessário burlar a regra do amadorismo, o que ficou conhecido como “amadorismo marrom”. Isto é, o Vasco empregava os atletas apenas no papel, mas, de fato, eles se dedicavam primordialmente a treinar pelo clube e disputar os jogos, daí a superioridade física deles em relação

aos jogadores das demais equipes. O conjunto de jogadores vascaínos constituía, então, um grupo situado em oposição às normas estabelecidas, por isso o uso do termo “desvio” é justificado. O estigma dos negros, por sua vez, diz respeito aos preconceitos imputados a eles, forjando uma identidade social virtual apartada da realidade. É válido lembrar que até 1933, ano da publicação de *Casa grande e senzala*, predominavam no meio intelectual as interpretações da identidade brasileira, estabelecidas pela via racista de Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Viana. (ORTIZ, 2012, p. 13-35)

Conclusão: apontamentos de trabalho e perspectivas

O futebol produz desviantes, assim como outras esferas da sociedade. Cria, também, regras que devem ser seguidas não apenas durante os 90 minutos de jogo. A intensa preparação física e a imagem pública de um jogador sofrem coerções de diferentes agentes sociais (desde o presidente do clube até o jornalista de um veículo especializado), como vimos ao longo do artigo.

A atuação exigida dos atletas profissionais, em termos de *performance* e desempenho, converge, cada vez mais, para a seguinte afirmação de Sennett (2010, p. 22): “Em uma sociedade ou ordem política que enaltece ‘o corpo’ corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se ajustam ao paradigma”. Muitos dos preconceitos que o campo do esporte foi palco, como os racismos do início dos séculos XX (exposto principalmente no antagonismo amadorismo x profissionalismo no futebol carioca) e XXI (com casos na Europa e também no Brasil), tiveram (e têm) lugar exatamente pelo estabelecimento de um padrão utilitarista de corpo.

Por último, cumprindo a proposta inicial de indicar caminhos para pesquisas, elencamos três desdobramentos possíveis para este artigo e/ou para outras investigações cujo foco seja o corpo e o esporte: 1. retratar o percurso do fotojornalismo esportivo como registro de uma memória imagética de corpos no esporte; 2. traçar um panorama comparativo (utilizando, talvez, a metodologia da História Comparada) sobre as abordagens do corpo no esporte em diferentes momentos históricos e localidades; 3. utilizar o ferramental teórico sobre desvio e estigma para entender alguns processos e práticas presentes ao longo de toda história do futebol e que nos permitem uma leitura mais crítica sobre o campo do esporte.

Deviation and stigma in the world of the soccer: by a study of the body and of the athletic performances

Abstract

Briefly, the objective with this article is to investigate, for the inclination of the stigma and of the deviation, somebody patterns present in the history of the Brazilian soccer. Some examples were prominence along our investigation: the players Garrincha and Walter and, mainly, the team of Vasco da Gama, state champion in 1923. Through the analysis of the pictures of the newspapers of that year, the relationships were observed between the images of the body and the sport, looking for evidences for the study of the deviant. At the end, are proposed some unfoldings for researches that focus the associations between body (and its image representation) and sport.

Keywords: Media. Soccer. Stigma. Deviation.

Referências

À LA Zé Gotinha, Walter vê a torcida do Vasco até lhe oferecer pizza. *Jornal Extra On-Line*. 2013. Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/vasco/a-la-ze-gotinha-walter-ve-torcida-do-vasco-ate-lhe-oferecer-pizza-10533510.html>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

BECKER, H. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, H. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, L. M. da *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) –Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DEPOIS de Ronaldo, Walter do Goiás é o novo Zé Gotinha. *Meia Hora*, Capa, 26 out. 2013. Disponível em: <<http://www.netpapers.com/capa-do-jornal/meia-hora/26-10-2013>>. Acesso em 15 jan. 2014.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GASPAR, M. D. Desvio e estigma: discussão sobre o campo teórico desses conceitos. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 7., Águas de São Pedro. *Anais...Águas de São Pedro*: ANPOCS, 1983. p. 1-14.

GOFFMAN, E. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GORDUCHO promete amassar o Fla hoje. *Meia Hora*, Capa, 30 out. 2013. Disponível em: <<http://www.netpapers.com/capa-do-jornal/meia-hora/30-10-2013>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

GUERRA, M. Prefácio. In: MOSTARO, F. *Garrincha x Pelé: a influência da mídia na carreira de um jogador*. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

GUMBRECHT, H. U. *Produção de presença*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2010.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

HELAL, R.; TEIXEIRA, J. P. V. O racismo no futebol carioca na década de 20 e a invenção das tradições. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., Caxias do Sul. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares (Intercom), 2010. p. 55-65.

HEMEROTECA digital. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

JORNAL DO BRASIL. *Diário Desportivo*, Capa, 14 ago. 1923. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

JORNAL DO BRASIL. *Diário Desportivo*, Capa, 1º maio 1923. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. Corpo no Brasil: dominação e louvação. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26, Caxambu. *Anais...* São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), 2003. p. 1-13.

MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Faperj; Mauad, 2003.

MATTOS, H. *A Copa de 1950: Brasil, colorido; preto e branco*, 40 min (reportagem para a TV Cultura de São Paulo). 1994.

MOSTARO, F. *Garrincha x Pelé: a influência da mídia na carreira de um jogador*. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

O CAMPEONATO de football do Rio de Janeiro e os mais jogos da Metropolitana *Correio da Manhã*, p. 3, 9 jul. 1923. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

O PAIZ. *Sports: foot-ball, rowing, turfing e outros*, p. 9, 1º maio 1923. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense. 2012.

OS SPORTS. A Noite, p. 6, 9 jul. 1923. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PESQUISA de imagens: Vasco: campeonato carioca de 1923. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/sh/2a7lqmgokid0pt9/SQgLFRmXuS>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

REFORÇO de peso pro Mengão gorducho Walter tá fora. *Meia Hora*, Capa, 29 out. 2013. Disponível em: <<http://www.netpapers.com/capa-do-jornal/meia-hora/29-10-2013>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SENNETT, R. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (Ed.). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 123-134.

SOARES, Carmem L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

TEIXEIRA, J. P. V. 1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 28-42. 2010.

VELHO, G. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, G. (Org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar 1985. p. 11-28.

VIEIRA, J. J. De jogo em jogo: uma análise sobre aspectos raciais e mobilidade social no futebol carioca. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 25, Caxambu. *Anais...* São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), 2002. p. 1-16.

Enviado em 26 de setembro de 2014.

Aceito em 1º de novembro de 2014.